

DONA ANA, POR TIAGO COELHO

Carolina M. M. Venturini PASSOS
Will Montenegro TEIXEIRA
Inara de Araújo CARVALHO
Sílvia de Souza LEÃO

RESUMO

Este ensaio reproduz uma experiência de percepção e inter-relação com a instalação *Dona Ana*, de Tiago Coelho, obra selecionada ao *IX Prêmio Diário Contemporâneo de Fotografia*. A partir das proposições técnicas, estéticas e conceituais, revela-se a obra em seu aspecto representacional/documental apoiados em Santaella (1993) e Dewey (2010). Apreende-se assim, a obra enquanto arte contemporânea por sua poética relacional entre arte e vida, imagem e imaginário, e seus entremeios.

Palavras-chave: Fotografia; Arte contemporânea; Estética; Representação; IX Prêmio Diário Contemporâneo de Fotografia.

DONA ANA, BY TIAGO COELHO**ABSTRACT**

This essay reproduces a perception and interrelationship experience with the art installation Dona Ana, by Tiago Coelho, a selected piece at the IX Prêmio Diário Contemporâneo de Fotografia (Contemporary Diary of Photography Award). From technical, aesthetic and conceptual propositions, the work's representational/documentary aspect is revealed through Santaella (1993) and Dewey (2010). The work is thus apprehended as contemporary art, for its relational poetics between art and life, image and imaginary, and its surroundings.

Keywords: *Photograph; Contemporary Art; Aesthetic; Representation; 9th Contemporary Diary of Photography Award.*

DONA ANA, POR TIAGO COELHO**RESUMEN**

Este ensayo reproduce una experiencia de percepción e interrelación con la instalación Doña Ana, de Tiago Coelho, obra seleccionada al IX Premio Diário Contemporâneo de Fotografia. A partir de las proposiciones técnicas, estéticas y conceptuales, se revela la obra en su aspecto representacional / documental apoyados en Santaella (1993) y Dewey (2010). Se aprehende así, la obra como arte contemporáneo por su poética relacional entre arte y vida, imagen e imaginario, y sus relaciones.

Palabras clave: *Fotografía; Arte Contemporáneo; la estética; la representación; IX Premio Diário Contemporâneo de Fotografia.*



da palavra

VOL.15|N.2|DEZ.2018

ISSN 1415-7950

TIAGO COELHO

Nascido em 1985 em Santo Antônio da Patrulha, no Rio Grande do Sul, Brasil. Possui formação em Cinema e em Fotografia Documental (EFTI - Madrid, Espanha). Atua como professor de Fotografia na UNISINOS, membro do Grupo de Estudos em Fotografia do Barraco Cultural. É fotógrafo *freelancer* e diretor criativo na Galeria Mascate em Porto Alegre.

Na carreira, possui participação em uma vasta lista de exposições individuais e coletivas pelo Brasil e pelo mundo. Possui obras em coleções públicas e privadas como no Centro Internacional de Fotografia e Cinema (EFTI), em Madrid, na Espanha; na coleção Pirelli/MASP de fotografias na coleção Joaquim Paiva; e no Rio Grande do Sul no Museu de Arte Contemporânea, no Instituto de Artes Visuais - Casa da Cultura Mário Quintana, e no acervo da Galeria Mascate. Foi vencedor de vários prêmios e convites a exposições. Como o artista relata¹:

Em 2017, ganhou o prêmio de Menção Honrosa no POY LATAM (Imagens do Ano) em Barcelona na Espanha; FINI (Festival Internacional da Imagem) em Hidalgo no México; e, também no Prêmio Brasil Fotografia em São Paulo no Brasil. Foi finalista no *Photography Grant* em Londres na Inglaterra; indicado para o *Infinity Awards - Emerging category*, em Nova Iorque.

Em 2016, ficou em 2º lugar no Festival Internacional da Imagem (FINI) em Hidalgo, no México. Foi selecionado para *Caminos Conjuntos* do Festival de Fotografia (MUFF) – Montevideo, Uruguai e foi convidado para a Residência Artística do Verzasca Foto Festival, Sonogno, Suíça.

Em 2015, ficou em 2º lugar no Prêmio Fundação Conrado Wessel de Arte. Participou da bienal de *Fotografia Photoquai 05, Musée Du Quai Branly*, Paris, França; recebeu Menção Honrosa no Prêmio *Paraty em Foco* – multimídia, Rio de Janeiro.

Dentre seus projetos individuais tem: *Dona Ana* (2010 - em andamento), *É tudo teatro* (2011), *A voz da roupa* (2012-2014), *Parcialmente nublado* (2014-2015) - artista selecionado à VI Edição do Prêmio Diário Contemporâneo de Fotografia - *Tempo Movimento*, em 2015, *O Marketing* (2014-2015), *Times Square* (2015); *Balneário Alegria* (2015) e *Para aprender da pedra, frequentá-la* (2016).

Seu primeiro trabalho, a obra *Dona Ana*, já ganhou o mundo. Em 2010, foi exposto no *Santander Cultural no FestFotoPoA* em Porto Alegre; em 2012, na Argentina, foi exposto no *Museo de Bellas Artes de Tandil*, em Tandil, e na *Galeria Alicia D'Amico* em Buenos Aires; em 2017, ficou em 2º lugar no Prêmio *Ningbo International Photography Week, Ningbo Art Center*, em Zhejiang na China. E, mais recentemente, em 2018, *Dona Ana* foi selecionada a IX Edição do Prêmio Diário Contemporâneo de Fotografia - *Realidades da Imagem, Histórias da Representação*.

DONA ANA

Ao falar de sua história, Tiago se define como fotógrafo documental e levanta questões em seu trabalho acerca da verdade. Para o artista, a verdade não existe na fotografia pois, é sempre a visão do fotógrafo, o que o faz ir em busca nas suas imagens de uma mistura entre a realidade e a ficção, mas sem deixar o caráter documental. “Gosto de trabalhar documentalmente algum tema que me intriga, vivenciando e fotografando. Mas também sempre colocando muito do meu olhar sobre o assunto”².

Seu primeiro projeto, a obra *Dona Ana* surgiu ainda na faculdade, do desafio de fotografar uma profissão. Tiago reproduziu, ficcionalmente, a lavadeira de roupa no rio. Dona Ana, natural do Pará, analfabeta, em busca de melhores condições de vida e de conhecer o mundo, aos 17 anos deixou sua

1 COELHO, Tiago. Tiago Coelho, s.d. Disponível em: <http://tiagocoelho.com.br>. Acesso em: 15 jun. 2018.

2 BOAVENTURA JR, Julio; RODRIGUES, Manuela. Tiago Coelho, Oitenta Mundos, 2016. Disponível em: <https://oitentamundos.com.br/tiago-coelho-4006210139cf>. Acesso em: 15 jun. 2018.



Figura 1. Dona Ana e a família do Sul; Dona Ana e a família do Norte. (Fonte: Tiago Coelho, 2010).

família e sua cidade e se mudou para o Rio Grande do Sul, onde conheceu o artista quando o menino tinha 6 anos. Dona Ana foi trabalhar de babá na casa da família, onde vive até hoje. Por terem esta relação próxima, de mãe e filho, como bem define o artista, sempre a fotografou. Na Figura 1, ao lado esquerdo, em reprodução de Tiago Coelho, o fotógrafo retrata Dona Ana e sua família no Sul, e ao lado direito, Dona Ana e sua família ao Norte.

Em 2010, ao completar 40 anos, quis reencontrar sua família que tinha perdido o contato, e pediu ao artista um retrato da “família dela aqui do Sul” para mostrar à família do Pará, caso encontrasse alguém. “Quando fui fazer a foto, me emocionei muito e resolvi viajar junto com ela”³.

Dona Ana é seu primeiro livro autoral e essa é a história que o artista conta no livro. Um trabalho autobiográfico, que fala sobre a migração dentro do Brasil, muito comum do Norte e do Nordeste para o Sudeste e para o Sul. “Quando eu era criança eu queria ser cineasta e detetive. No projeto *Dona Ana* pude vivenciar um pouco desse lado detetive na busca da família dela”⁴.

Tiago acredita que, na fotografia contemporânea, o artista se sente mais livre, em relação a alguns assuntos. De maneira mais crítica e, fora de estereótipos estéticos ou conceituais, em *Dona Ana*, a grande questão temática é mostrar os diferentes “Brasis” e a pluralidade de realidades que nele existem.

Apesar da emoção, ao receber um livro de memórias de sua história, Dona Ana achou que tinha muitas páginas em branco, poucas fotos, e que o artista não tinha contado a história dela direito. Assim, ela mesma traçou linhas nas páginas e escreveu a história a sua maneira e, depois, pediu ao artista que ilustrasse o livro com algumas fotos. Isso resultou numa segunda versão do livro de 2010, e que faz parte da obra atualmente, como um “documento de processo”, a obra em estágio contínuo de criação.

A OBRA

A obra *Dona Ana*, demonstrada na Figura 2, faz-se por uma instalação composta por uma fotografia em grandes dimensões (200 x 220 cm); do lado direito, a altura do busto, o livro colocado sobre uma prateleira, em madeira crua, com as histórias escritas por Dona Ana e do lado esquerdo, à altura mediana dos olhos, uma TV de 32 polegadas com um vídeo em loop de 6 min 57 seg, reinterpreta os relatos de Dona Ana em sua busca por sua família de volta ao Pará⁵.

3 BOAVENTURA JR, Julio; RODRIGUES, Manuela. Tiago Coelho, Oitenta Mundos, 2016. Disponível em: <https://oitentamundos.com.br/tiago-coelho-4006210139cf>. Acesso em: 15 jun. 2018.

4 Idem

5 IV Prêmio Diário Contemporâneo de Fotografia. Disponível em: <http://www.diariocontemporaneo.com.br/>. Acesso em: 15 jun. 2018.



Figura 2. “Dona Ana”, a obra. (Fonte: Dossiê, IX Prêmio Diário Contemporâneo de Fotografia, 2018).



Figura 3. O Livro. (Fonte: Printscreens de Tiago Coelho, 2018).

O LIVRO

O livro, passível de ser folheado, disposto em papel sem brilho, tamanho 15x21cm, em brochura costurada e colada, faz-se por uma cópia impressa do original. Reproduz o trabalho de foto, colagens e escrita dos autores. Possui, ao todo, 64 páginas no entanto, não, necessariamente, todas preenchidas. Em suas páginas, a maioria, apresenta linhas feitas à mão para caligrafia, mas nem todas escritas. Nas páginas escritas apresentam a textura de uma tinta de caneta esferográfica azul e preta, ou algumas pequenas partes digitadas. Em outras, ocupando meia página, página inteira ou duas páginas, dispõem de fotografias coloridas em estilo documental. Noutras, uma combinação de escrita e imagens. Na Figura 3, um *printscreen* da cena inicial do vídeo de apresentação do livro.

As fotografias são de Tiago Coelho, que relatam uma breve apresentação de Dona Ana em sua vida. As escritas são de Dona Ana, em linguajar coloquial, o que demonstra sua pouca habilidade com a escrita, mas, não com a sua forma de se expressar, e não falha memória... As linhas feitas à mão, para a caligrafia, sugerem criar uma trilha para a escrita, um relato pessoal, autobiográfico, de vivência e da experiência do reencontro e da memória do passado; meio que uma reafirmação de sua identidade, sua origem.

Dona Ana retoma suas memórias a partir de grandes mudanças que

ocorreram em sua vida, dos fatos que marcam seus deslocamentos, que começaram em seus 10 anos de idade em diante. Sua primeira mudança, Dona Ana cita ir morar com sua família em um sítio onde viviam da caça e da pesca e com a convivência com uma onça pintada que grunhia. Aos 12 anos, sobreviveu de uma seca muito intensa, cavando buracos no mangue o dia todo, em busca de água. Aos 13 anos, mudaram-se para quilômetros dali, para um lugar que tinha água em abundância e um rio fundo. Aos 14 anos, saiu da casa de seus pais para fugir de sofrimento que a assolava; e relata “o mundo parecia ser muito grande e a margem do Pará era praticamente um deserto”.

Foi, então, que decidiu trabalhar como doméstica. Muitas vezes enganada, passando por muita dificuldade por não saber ler e escrever; passou um ano a fio até ficar muito doente, o que a fez ir à casa de sua avó, muito pobre. Dona Ana não relata, no livro, este tempo. Um intervalo de praticamente dez anos. Ao se recompor da saúde e arrumar outra casa para trabalhar, lembra-se de ter passado uma noite inteira na rua sem saber chegar ao lugar, por não saber ler e escrever. Foi, então, que decidiu estudar para nunca mais passar por coisas assim. Foram cerca de quatro anos.

Já perto dos 29 anos, mudou-se para São Paulo, a convite, para passar um ano a trabalho. Porém, não voltou mais. Casou-se, formou família, teve filhos, e não tinha condições financeiras para voltar, nem vontade. Tinha uma grande amargura: ter perdido o único contato com sua família através de um tio com quem se correspondia. Assim, foi com sua família morar no Rio Grande do Sul, quando, aos 47 anos, começou a trabalhar para a família de Tiago, que estava com 9 anos de idade.

Foi Tiago e sua família os grandes incentivadores e responsáveis por Dona Ana ter conseguido reencontrar sua família em 2010. Viajaram, saíram do sul ao norte, sem direção certa, apenas seguindo as memórias de Dona Ana. Foram a uma rádio e à Assembleia de Deus. Lá, os caminhos se abriram ao encontrar um genro do tio já falecido. A partir daí, reencontrou duas irmãs que, juntamente com sua família, acreditavam que Dona Ana estava morta e foram ao encontro dos outros. Somente seu irmão mais novo tinha fé de que a reencontraria orando e jejuando por ela. Quando a viu, foi muita emoção. Choraram abraçados, juntos, por muito tempo. Seus pais, já estavam falecidos. Desde então, até hoje, Dona Ana mantém o contato com eles por telefone e pela internet, e sempre que pode vai visitá-los.

Os fatos da história contados no livro, estão presente somente no livro.

A FOTOGRAFIA

A fotografia em ampliação, plotada em adesivo, mostra em imagem fixa - a última a ser mostrada no vídeo -, em posição verticalizada, certa tridimensionalidade. Em primeiro plano, em câmera subjetiva, a olhar para o terceiro plano, ao fundo no fim dos elementos que compõem a imagem, e o meio da imagem em segundo plano, com maior peso visual por conter a maior quantidade de elementos visuais que compõem a imagem.

A fotografia mostra no ponto central, o fim de uma estrada, de terra vermelha, de chão batido e pedregulhos, que inicia na base da imagem em foco, e segue em retilínea por uma terreno abaixo e ao alto; nas laterais, acompanham o mato de beira de estrada, mata aberta em alguns pontos e, em outros, fechada. Capim alto, bananeiras e açazeiros demonstram a típica paisagem do cenário rural amazônida. Ao final da estrada, uma casa de alvenaria, em menor proporção que a estrada, de cor azul celeste, possibilitando pela colorimetria da imagem, uma imersão, uma ponta/porta/entrada na terra, do céu, que releva no nublado, o úmido, o tropical.

Com esta imagem estática em sua materialidade, mas dinâmica em

sua proposta, nosso percepto se eleva aos deslocamentos possíveis, nos quais a imagem gera, por meio da subjetividade proposta. Leva-nos, como uma espécie de imersão ao lugar mostrado, enquanto observadores indefinidos, proporcionados pelo embalo de descida e de subida ou subida e descida na imagem, sem saber se adentrar ao caminhar até a casa, ou se distancia-se, ou só observar e rememorar aquele espaço, um olhar para trás as histórias ali vividas. A casa, no começo ou no fim de tudo, em menor proporção na imagem do que a estrada, remete-nos à importância do meio, do caminho. Portanto, uma observação, indefinida, uma inquietude, um mistério, e a certeza do trilhar, do seguir, do movimentar-se.

A fotografia exposta também faz parte do livro e compõe a última cena do vídeo.

O VÍDEO

O vídeo é filmado em câmera fixa e marcado, em sua maioria, por cenas estáticas, como se imitassem a fotografia. Nestas cenas, o movimento nas imagens é visível, sutilmente, pelo vento balançando as folhas das árvores, ou pelas águas escorrendo nos córregos e rios, por reflexos e sombras, por um respiro ou uma olhadela do sujeito na imagem, ou pelo balançar de uma rede ou da sombra dela. Em algumas, dando a impressão de um efeito em *timelapse*, só que em rápidos segundos. Poucas cenas são registros de movimento. As cenas marcadas por movimentos inteiros são a de uma mulher caminhando mata adentro, lavando roupa, galhos no rio e abrindo caminho na mata; uma motorista de um carro em movimento, e pela janela no lado de fora, mostra as casas e pessoas do lugar; um menino descascando um coco; a estrada vista pela traseira de um carro em movimento e o chão de terra batido.



Em cores, esmaecidas, com tom nostálgico, imitando filtro de revelação antiga em papel. De luminosidade difusa, outras contra-luz, baixa luz, feixes de luminosidade, reflexos, contrastes de luzes e sombras; enquadradas umas em grande plano, em paisagem, sem grandes preocupações com perspectiva, outras em modo *portrait*, com alinhamento centralizado, plano de fundo simples, alterando a profundidade de campo em primeiro e segundo planos.

O artista ressalta, em texto no vídeo, quatro partes que nomeia de *Adaltina*, *A Onça*, *Japim*, e *Paraíso*. O vídeo inicia com imagem interna em um avião e, depois, muda para a cena de uma mulher andando mata adentro, quando aparece o primeiro título. É, então, que começa a narração.



Figura 5. O Vídeo. (Fonte: Printscreen de Tiago Coelho, 2018).

Durante o jogo de imagens que se apresentam em *Adaltina*, mostram a irmã de Dona Ana em suas atividades como lavando roupa e galhos no rio, abrindo mata, um contraluz e ela, sentada no escuro, volta ao campo e galhos na cabeça. Depois, as casas da comunidade e a motorista em foco, com a mata corrida ao fundo.

Em sequência, aparece um menino de costas, embalando-se em uma rede, e sob o título *Onça* aparece o rio, a mata, uma TV ligada em um desenho infantil e a sombra de uma rede balançando. Depois, um menino descascando um coco, uma ilustração de uma onça e a estrada vista da traseira do carro. (Aquela época, crianças faziam trabalho, andavam na mata, todos juntos, divertiam-se com coisas cotidianas, hoje, ficam deitadas vendo TV, alienadas).

Sob o título *Japim* aparece a cidade de poucas ruas. Do alto, uma igreja grande e vistosa, amarela. Um casebre de madeira, outra casa de alvenaria com uma moto e um ônibus estacionados e pessoas, sujeitos nas suas casas, no campo, no rio, com bichos, crianças brincando, uma moça na sala de casa, um casal na sala de casa e o chão de terra corrido.

Em *Paraíso*, misturam-se paisagens, a chuva ao fundo da mata, o rio descendo entre as pedras em correnteza. O céu azul ao fundo, por entre as árvores, um pequeno rastro em meio a mata fechada. O rio parado, uma árvore no campo, partida ao meio, e metade derrubada. Um pequeno córrego de água descendo por entre as pedras e, encerra-se, a imagem da estrada impressa na fotografia da instalação.

Ao fundo das imagens, memórias de Dona Ana são narradas pela própria personagem, não sequencialmente. No texto narrado, editado, tem estilo de entrevista, a qual Dona Ana responde a questões colocadas. A primeira, subentende-se que seria de intuito reflexivo sobre seu percurso de vida, se faria tudo de novo.

Eu faria!

[...] era esse o meu destino, era que eu queria conhecer o mundo, eu não importava se eu fosse falar a língua deles, se eu não entendesse,

eu queria conhecer [...] o meu desejo mesmo era bater perna no mundo, era esse o meu desejo [...] Então agora as minhas foto vai, agora elas tão indo, e eu fico, mas elas vão.

Em seguida, faz uma breve apresentação de sua família. Outra pergunta, subentende-se ser alguma história que tenha marcado a infância dela. Quando Dona Ana conta e ri de sua própria memória com seus irmãos e uma onça pintada. Na sequência, fala brevemente da cidadezinha, Japim, da origem de seu nome e de sua formação familiar; e, quando entra no Paraíso, subentende-se responder a uma outra pergunta sobre algo inusitado ou fantástico que tenha acontecido com ela. Dona Ana narra um deslocamento, virtual, espiritual, de fé.

Eu me tornei sozinha dentro da cidade, e eu comecei a orar pedir pra Deus o que ia ser de mim ali, e aí eu um dia eu tava acordada, eu não tava dormindo, eu senti que parece que eu tava subindo, parecia que tava subindo subindo subindo, aí a gente sempre fala que Jesus vai voltar né, aí eu disse Jesus tá voltando e graças a Deus que eu tô subindo, e tinha uma pessoa conversando comigo só que eu não via aquela pessoa, aí aquela pessoa ia conversando e me mostrou um jardim muito grande, com flores de tudo que era tipo, aí eu digo: não, me deixa aqui, nesse pedacinho aqui, me deixa. Eu já tava feliz ali naquele pedacinho, não precisa ele me levar pra cidade grande lá, era só naquele pedacinho dali aí eu já tava contente; aí eu desci, ele me trouxe de volta, e eu já não vi mais aquela cidade, aquelas flor, aquelas rosa, coisa já não vi, vi que eu desci.

A história contada no vídeo, apresenta-se somente no vídeo, fragmentos de lembranças e histórias de Dona Ana.

REALIDADES DA IMAGEM, HISTÓRIAS DA REPRESENTAÇÃO

A IX Edição do Prêmio Diário Contemporâneo de Fotografia levantada pelo fotógrafo Mariano Klautau Filho, curador geral do prêmio, traz à reflexão *Realidades da Imagem, histórias da representação*. Dona Ana eleva a proposta curatorial do prêmio ao transbordar a realidade em sua representação ficcional do mundo por meio da imagem fotográfica, seja por sua proposta conceitual, seja por sua plasticidade, técnica, a obra cria a partir da inter-relação de seus elementos, contrastes e confluências entre os suportes, a história, uma intensa experimentação, não só da obra, mas de imersão na experiência de Dona Ana e Tiago Coelho, possibilitando uma certa dinâmica entre a arte e a vida.

Desta maneira, a arte se apresenta cada vez mais próxima do contexto social, através destas relações de representatividade, de vestir-se do outro, do espaço, do tempo, da vida, do possibilitar vivências e sensações que por meio de imaginários abstratos simbólicos, recriam realidades concretas fotograficamente. Realidades que transcendem toda e qualquer materialidade e desnudam pré-conceitos. Assim, o fazer artístico constrói em loop contínuo a prática social; ao artista, em meio a complexidade do desafio de construir e fazer-se história da representação.

A poética de Tiago Coelho se coloca com uma linguagem artística de importante fundo documental, essencial para a ficção proposta pelo artista acerca da temática de mostrar os diferentes “*Brasis*” e a pluralidade de realidades que nele existem; levantando uma questão sempre presente na história do Brasil, os fluxos migratórios de pessoas de Norte a Sul, Leste a Oeste. Tema e questão abordados com propriedade, e afetividade, uma obra que remonta seus processos de criação, contínuo, de investigação, experimentação, envolvendo o espectador a participar também da construção da obra, e de se

sentir parte também de Dona Ana, sua família, sua história, um convite a transportar-se por meio das memórias dela, as nossas próprias memórias, a nossos próprios movimentos de migração, de deslocamento, um desapegar-se de tempo e permanência, e levitar a nossos paraísos imaginários.

Com essa trajetória, contada pelo próprio artista, inconscientemente, ao realizar o projeto fotográfico, Tiago carrega consigo a circunstância de ter sido instrumento de permanência de Dona Ana no espaço e no tempo. No livro, criado em conjunto por Tiago e Dona Ana, o artista conta que pode ter tido a vontade de mostrar para a família de origem dela, que a estava levando, Dona Ana, de volta para casa, e o quanto a personagem representava e significava ter se tornado membro da família dele.

Os registros de Tiago representados e o livro do artista, enquanto obra, rescinde todo afeto e sentimento que carrega, inconscientemente, pelo deslocamento de Dona Ana, como que responsável por ela ter ficado tanto tempo longe de Belém, longe de sua terra, de sua família. Porém, a própria Dona Ana revela o afeto e acolhimento tido pela família do Sul; o que se pressente que tal experiência tenha tocado a ela, em se sentir em família novamente, acalentado seu passado, remediado suas mágoas, e ter revivido dentro dela a vontade de rever sua história, seu lugar, suas raízes.

E, por tamanho apreço ou desvelo, em reconhecimento a tudo que Dona Ana fez pelo fotógrafo, o artista se põe no lugar dela, a experimentar suas vivências por meio de suas memórias, a se deslocar à cidade natal de Dona Ana. *Dona Ana* pode ser só uma história de vida, mas pode também ser um resgate de sentimentos profundos do fotógrafo, por ter vivido com essa mulher, sem nunca ter se preocupado com a história de vida dela antes de se tornar babá, ter tido sonhos e uma história pessoal, antes da vida dela com a família dele.

Discute-se, de tal ponto, até onde vai a autonomia da arte, e do artista, suas fronteiras, seus limites, entre o ser a arte, ser o artista e a possibilidade de



Figura 6. Dona Ana e Tiago Coelho. (Fonte: Printscreen de Tiago Coelho, 2018).

expressão social, do ser social. Tal relação que Soulages (2010) acredita que se estabelece por meio da fotografia com outras artes, de quatro maneiras: a cocriação (diálogo entre linguagens e suportes), a transferência (de uma outra fotografia para uma ‘realidade artística’), a referência (da fotografia para as outras artes, e estas, para a fotografia), e o registro (a finalidade em si, sua autonomia da arte e do artista, diante da arte contemporânea). Assim, para o autor, a fotografia não é só um meio de reprodução das obras de arte, de representação de realidades, mais, um tornar-se ela própria, em arte.

Assim, a obra *Dona Ana*, de Tiago Coelho, possibilita um exercício de deslocamento, ressignificação e complementação, que vem a reconstruir o comum, o cotidiano, o social. De certa forma, para Tiago, *Dona Ana* representa sua memória afetiva no Rio Grande do Sul, alguém que cuidou dele na infância, e com quem tem uma experiência em comum. Contudo, a memória afetiva de Ana vem de bem distante, no tempo e no espaço, um universo próprio, não partilhado.

Homi Bhabha (2000), elenca a palavra *entremeios*, para designar um espaço intermediário, que permita novas possibilidades, novas combinações, arranjos, vivências inesperadas; uma característica que ele coloca como condição dos tempos contemporâneos atuais, a composição de escritas marcadas por histórias de deslocamentos e reterritorializações, a geração de sujeitos culturais híbridos, caracterizados por identidades ao mesmo tempo plurais e parciais.

A volta às origens é desejo e decisão de Ana. Conhecer, sentir e registrar essa parte de sua história é vontade de Tiago. Neste aspecto, há um ímpeto de construção conjunta, baseado em aproximações e distanciamentos. O artista, mesmo fazendo parte da jornada, mantém algum afastamento, até mesmo para que possa olhar o sujeito representado sob outra perspectiva. *Dona Ana*, entretanto, não é apenas objeto, mas sujeito da narrativa. Sujeito que tem história e intervém na história (obra). Alterna entre passado e presente, a ativar a memória e a geografia do lugar, entrelaçando seus conhecimentos topofilicos (BACHELARD, 2008), estabelecendo comparações entre o antes e o depois e conectando histórias que relacionam ao real e ao imaginário. Uma realidade que não está na imagem exposta, vista, entretanto, leva-nos a uma realidade daquela imagem.

Para Bachelard (2008), somente alcançamos o conhecimento topofilico por meio de uma “fenomenologia do habitar”, que encontra na casa natal o seu ‘paraíso’, o espaço sendo necessário e o tempo, contingente, pois só a topofilia traz, ao modo de nos relembrar, os momentos de verdade da nossa aventura habitante, um lugar carregado de imagens felizes. É a memória, em forma de espaço habitado, que estabelece uma dialética com os delimitados espaços de nossas felicidades íntimas, e, por conseguinte, gera o amor por esse lugar (BACHELARD, 2008).

A instalação da obra sugere interação e mobilidade. A fotografia de uma estrada/caminho em amplitude, o livro de um lado, o vídeo de outro. Três elementos interdependentes que convidam o espectador a ir adiante, acessar aos conteúdos ali dispostos, e complementar sentidos por meio de uma vasta experiência estética (DEWEY, 2010). Em sua complexidade, exige uma necessidade de construção conjunta da obra como um todo, imagens e relatos se complementam; cada material com sua linguagem particular a flexibilizar a percepção, e conduzir a estados de adaptação e readaptação ao entendimento da obra.

A fotografia, fixa, estática à parede, remete à possibilidade de se permanecer presente naquele espaço, e de levar todos, consigo, é uma relação de resgate e continuidade da vida. Soulages (2010) propõe a estética fotográfica por meio de suas perdas e permanências. Sua fotograficidade, uma estética que reflete sobre uma realidade que pertence à esfera da arte, uma estética própria, mas que abrange várias vertentes da fotografia, uma estética que sucita tanto

o fazer, como o receber uma imagem, desde o ato fotográfico até a recepção das imagens.

O livro do artista se faz como um símbolo de cumplicidade e troca entre Tiago Coelho e Dona Ana. Um álbum de família, um diário de viagem, em que se misturam o texto normativo, formal, e a expressão linguística, dispersa e espontânea. Apesar do conteúdo não seguir uma ordem convencional, é possível perceber os pontos de partida e chegada, reforçados por enquadramentos do sensível: a família constituída no Sul, a expectativa durante a viagem, a emoção de reencontrar os parentes no Norte, o aconchego na cidade natal.

O vídeo apresenta uma edição que tampouco estabelece equivalência com a narrativa. Embora existam momentos de aproximação com a obra, por meio do som, ora o relato escapa, ora a imagem transborda. Cria-se, então, um estado de tensão no espectador, que tende a mobilizar a busca por associações, como um participante ativo. Na concepção de Dewey (2010) “A obra de arte não é uma trama de mistério estragada pelo conhecimento prévio; o suspense, na arte, é um apetite que aumenta a partir daquilo com que é alimentado” (DEWEY, 2010, p.28). Não, por acaso, a primeira sequência de representações é o interior de um avião e uma mulher caminhando por uma trilha de terra. Isso, de imediato, remete-nos ao percurso concreto da viagem, mas também sugere um deslocamento de olhar e de sentidos sobre a realidade imagética.

Apesar de seus motivos afastarem Dona Ana de seu lugar de origem, sua identidade sempre esteve ali, não foi esquecida. Quando retorna à Amazônia e revive suas memórias, o conhecimento sobre a natureza local, a relação com os animais, e a experiência da vida coletiva, a personagem volta a se apropriar desse espaço e expressar sua condição de pertencimento e o amor pela sua identidade. O que ressoa a sensação de que nunca saiu dali; e, para guardar mais vivo na memória, as fotografias junto a seus conterrâneos dizem muito sobre isso. Se, em suas próprias palavras, Dona Ana afirmar que seu desejo, ou seu destino, sempre foi “bater perna no mundo, passear, viajar”, e hoje, este complexo ser traduzido em uma obra, Dona Ana se realiza de alguma maneira através da obra, de suas fotografias e das representações, não pelo conhecer o mundo, mas por o mundo passar a conhecê-la. Mais uma vez, é ela sujeito e objeto, é passado e presente, é a extensão da vida.

INTERFACES DE DESLOCAMENTOS

Deslocar. Verbo de ação, trânsito, movimento, de lugar, de espaço e de tempo, que, no seu sentido mais convencional-simbólico, dá-se, antes de tudo, de uma iconicidade e, passando, pelo caráter singular-indicativo da produção de sentido.

Esse caminhar semiótico do deslocar é uma tensão possível pela percepção na expressão da instalação - por quê não artemídia? - *Dona Ana*, do gaúcho Tiago Coelho, ao reunir três suportes - audiovisual, fotografia e livro - apresenta a narrativa de Ana.

Tiago desloca Ana de um estereótipo que a máxima capitalista a vincula: não somos o que somos e, sim, o que temos. Dona Ana foi babá de Tiago, no entanto, ele não a mostra como tal. Deslocar foi dos primeiros atos do fotógrafo, mesmo que, até hoje, ela ainda esteja com a família dele.

Ana não é gaúcha. É paraense. Saiu de casa aos 17 anos em busca de ganhar o mundo. Chegou ao Rio Grande do Sul em busca de melhores condições, “deslocar” ganha aspecto físico e real. Espaço e tempo foram deslocados na narrativa de Tiago, com toque de reviver e reencontrar a família com a qual não tinha contato há mais de 40 anos.

A narrativa, apresentada pelos suportes, desloca Ana duas vezes.

Uma pela profissão, na qual não é estigmatizada (GOFFMAN, 1975), e outra pela condição de lhe colocar como lavadeira, ofício que exercia no Pará sem ter apreciação, para apresentar Ana na narrativa. “Ganhar o mundo” estaria do deslocamento dúbio, até mesmo metassemiótico, já que os deslocamentos se dão por semioses.

Com isso, a narrativa que ocorre por meio da representação indicial é a realidade fotográfica expressa e percebida. O real e o verossímil emanam, talvez, do próprio suporte fotográfico, como também da realidade que nos é apresentada. Podem ser apreensões de verdades a partir de um registro indicial. Neste momento, evoca-se Dewey (2010) pela sua contribuição da arte como experiência, ao afirmar que cada arte emana um tipo diferente de linguagem e comunicação entre o objeto, o artista e o público. A forma e a expressão da arte, enquanto linguagem e comunicação, permite a idiosincrasia, no sentido de ver, sentir e experimentar.

A interação entre o humano e o meio é importante para a produção de sentido. A comunicação de significação, a transmissão de ideias e o conhecimento. A temática da arte provoca emoção e o contato transforma o objeto em novo. É o que o autor diz quando não há separação entre a matéria e a forma.

Dewey (2010) destaca que a experiência é elemento fundamental em sua análise. O ser vivo recebe e sofre a influência do meio. Para o homem, tempo e espaço integram as necessidades conscientes de transformar o orgânico em forma de expressão e comunicação; a arte utiliza a natureza em sua capacidade de produzir e dá significados, utilizando a energia dos materiais; e a experimentação está na contemplação da expressão. É a continuidade entre os eventos e os atos cotidianos, na qual a arte é uma forma de experimentação que alcança a dimensão estética.

É deslocamento de verdades e realidades. A fotografia como um todo nos direciona para este deslocar, caminhar no percurso de verossimilhança e realidade que se quer trazer. A realidade que vivemos pode não ser tão real, mas pode ser simulação de realidade, quando a fotografia ressignifica e nos desloca da realidade. Simular também pode ser realidade (do índice) no simulacro (BAUDRILLARD, 1991).

Para Aumont (2012) tal simulacro, imaginário, representação, cria-se na distância entre tempo e espaço na formação da imagem através de estímulos visuais que possibilitem a percepção visual e promovam uma durabilidade do efeito causado na observação, assim, por uma clara percepção do espaço, o autor explica a relação do corpo com o deslocamento da visão, algo imaginário, que surja do visível ao visual, e reconstrói a realidade. Algo acerca da alteridade da imagem e o irrepresentável, entre o visível e o dizível (RANCIÈRE, 2012).

Esse deslocamento abre um caminho ficcional na narrativa de Tiago Coelho, já que existe um critério de verdade, ou real, ou realidade, ou ainda verossímil, colocado em questão. O fotógrafo conduz a visão da significação, mas a produção de sentido é deslocada para o espectador, com base na experiência de vida, no aprendizado e na história pessoal. Mais que processo, trânsito e comunicação. Mais uma vez é o deslocamento que nos impõe o caráter de realidade e efemeridade.

A obra *Dona Ana* faz isso, permite isso, transcender-nos, levar-nos àquele espaço, e viver o que viveram. Essa relação da fotografia com a representação por meio da realidade, Canclini (2016) situa como uma experiência do conhecimento, uma relação entre arte e o social, relações que renovam as formas de questionar, traduzir, ler o incompreensível, o surpreendente; a arte na contemporaneidade assim, faz-se por um lugar de eminência, um momento possível, em que entrelinhas tornam-se visíveis e os sentidos são re-construídos; possibilitando uma outra relação com o real.

Canclini (2016) propõe desta forma, uma nova cartografia da percepção e da sensibilidade no entrecruzamento das práticas artísticas,

sociais e estéticas, no fazer os processos de criação e produção artística na contemporaneidade, e nos modos de reflexão sobre a arte e sobre o fazer da arte, e o fazer social.

Tiago desloca ainda o documental com a ficção, ao expressar o seu olhar por meio da fotografia. Ana é reflexo disso, quando ele apresenta a ela e sua família para aqueles que estão no Pará, onde não tem contato. No entanto, o deslocamento não cessa. Ele começa novamente, porque Ana quer enviar o seu registro para os que estão no Norte. Ela quer restabelecer o deslocamento como ação e fundamento para a vida. O fotógrafo também embarca na viagem.

Viagem também é deslocamento. A fotografia documental de Tiago reverbera naquilo que as migrações provocam. Sair de casa em busca de algo melhor, “por mais que eu não sabia falar a linguagem deles”, reflexo do caráter social que o trabalho de Tiago nos revela. Além disso, há a questão social de quando, ainda adolescente, Ana sai de casa, sem saber ler nem escrever, para ter melhores condições.

Essa configuração nos desloca para prática comum no Estado do Pará. Crianças e adolescentes vem do interior para trabalhar na casa de família. Atualmente, deslocamentos ainda corriqueiros, que Motta-Maués (1993) denomina que crias de família. Em busca de condições melhores, de estudo, por exemplo, alojam-se em casa de conhecidos e acabam trabalhando nessas unidades familiares por um longo tempo. Quando arranjam tempo, conseguem estudar e melhorar de vida.

É no documental que Tiago Coelho revela, ainda, a fotogenia de seus fotografados. Fotogenia permite deslocamento. Não nos referimos ao termo clássico, mas à expressividade de troca com o fotógrafo. A troca é deslocamento e tônica perceptível no trabalho de Tiago. Uma troca que adentra na expressão do fotografado despertando significado e sentidos. É a realidade na/da fotografia contemporânea.

REFERÊNCIAS

- AUMONT, Jacques. *A imagem*. 16.ed. São Paulo: Papyrus, 2012.
- BACHELARD, Gaston. *A poética do espaço*. 2.ed. São Paulo: Martins Editora, 2008.
- BAUDRILLARD, Jean. *Simulacros e simulação*. Portugal: Relógio D'Água, 1991.
- BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Belo Horizonte: UFMG, 2000.
- BOAVENTURA JR, Julio; RODRIGUES, Manuela. *Tiago Coelho, Oitenta Mundos*, 2016. Disponível em: <https://oitentamundos.com.br/tiago-coelho-4006210139cf>. Acesso em: 15 jun. 2018.
- CANCLINI, Néstor Garcia. *A Sociedade sem relato: antropologia e estética da iminência*. São Paulo: EDUSP, 2012.
- COELHO, Tiago. “*Dona Ana*” - *Retratos em Japim*. Disponível em: <https://vimeo.com/175320271>. Acesso em: 16 jun. 2018.
- COELHO, Tiago. *Tiago Coelho - Dona Ana*. Disponível em: <https://vimeo.com/78598725>. Acesso em: 16 jun. 2018.
- COELHO, Tiago. *Miss Ana*, 2018. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=_tD6evvRrw4. Acesso em: 16 jun. 2018.
- COELHO, Tiago. *Miss Ana*, Lens Culture, s.d.. Disponível em: <https://www.lensculture.com/articles/tiago-coelho-miss-ana>. Acesso em: 15 jun. 2018.

COELHO, Tiago. *Tiago Coelho*, s.d. Disponível em: <http://tiagocoelho.com.br>. Acesso em: 15 jun. 2018.

CORTE, Marina. *Tiago Coelho*, Perfil, UNICOS, 2012. Disponível em: <http://www.unicos.cc/tiago-coelho/#.WyPDYhJKjMI>. Acesso em: 15 jun. 2018.

DEWEY, John. *Arte como experiência*. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

GOFFMAN, Erwin. *Estigma*: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Márcia Bandeira de Mello Leite Nunes (Trad.). Rio de Janeiro: LTC, 1975. IV Prêmio Diário Contemporâneo de Fotografia. Disponível em: <http://www.diariocontemporaneo.com.br/>. Acesso em: 15 jun. 2018.

LIPOVETSKY, Gilles. *A Estetização do Mundo*: viver na era do capitalismo artista. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

MOTTA-MAUÉS, M. A. *'Trabalhadeiras' & 'camarados'*: relações de gênero, ritualização e simbolismo numa comunidade amazônica, Belém, UFPA, 1993.

NÖTH, Winfried; SANTAELLA, Lúcia. *Imagem*: Cognição, Semiótica, Mídia. São Paulo: Iluminuras, 1998.

PANOFSKI, Erwin. *Significado nas Artes Visuais*. 4.ed. São Paulo: Perspectiva, 2014.

RANCIÈRE, Jacques. *O destino das Imagens*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012.

SANTAELLA, Lúcia. *A Percepção - uma teoria semiótica*. São Paulo: Experimento, 1993.

SOULAGES, François. *Estética da Fotografia*: perdas e permanências. São Paulo: Senac, 2010.

Recebido em 16 Out 2018 | Aprovado em 01 Nov 2018

Carolina M M Venturini PASSOS

Pesquisadora na área de Fotografia, Curadoria e Processos de Criação. Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura da Universidade da Amazônia. Bolsista PROSUP/CAPES. Pesquisadora no Grupo de Estudos “Arte, Imagem e Cultura” do Projeto de Pesquisa “Arte Contemporânea nos Acervos e Museus Paraenses: 1980-2016”. Professora Adjunta na Universidade Federal do Pará. E-mail: cventurini@ufpa.br.

Will Montenegro TELXEIRA

Doutorando em Comunicação, Linguagens e Cultura pela Universidade da Amazônia (Unama). Mestre em Ciências Sociais - área de concentração em Sociologia - pela Universidade Federal do Pará (UFPA). Especialista em Artes Visuais: Cultura e Criação pelo Senac (Senac/RJ). Pós-graduado em Aperfeiçoamento para a Sustentabilidade e Responsabilidade Social pela Fundação Dom Cabral (FDC/MG). Bacharel em Comunicação Social - Jornalismo pela Universidade da Amazônia (Unama). Jornalista profissional (MTE nº. 2.298). Docente universitário da Fapen, Fapan e Feapa. Pesquisador do grupo de pesquisa Comunicação, linguagens, discursos e memórias na Amazônia da UFPA (certificado pelo CNPq). Integrante dos grupos de pesquisa Interfaces do Texto Amazônico (Gita) e Agências Digitais na Amazônia Real: a inovação das práticas de comunicação na publicidade paraense (certificados pelo CNPq), ambos da Unama.

Inara de Araújo CARVALHO

Mestranda em Comunicação, Linguagens e Cultura na Universidade da Amazônia - Unama, MBA em Marketing (Faculdade Ideal), Bacharel em Comunicação Social - habilitação em Publicidade (UFPA), Bacharel em Secretariado Executivo Trilíngue (UEPA), Secretária Executiva da Pró-Reitoria de Ensino/UFRA, Membro do Conselho Editorial da EDUFRA, Secretária dos Conselhos Superiores da UFRA (2006-2009).

Silvia de Souza LEÃO

Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura, pela Universidade da Amazônia (Unama), Bacharel em Publicidade e Propaganda e Jornalismo, pela Unama. Integrante do Grupo de Pesquisa “Interações e Tecnologias na Amazônia (ITA-UFPA/UNAMA)”. Atua, principalmente, nos seguintes temas: Criança. Amazônia. Ciência e Inovação. Mediações Culturais. Análise de Conteúdo. Fotografias. Imprensa Escrita. E-mail: silviadesouzaleao@gmail.com

Asas
da palavra

VOL. 15 | N. 2 | DEZ. 2018
ISSN 1415-7950